

**Abrir a Capanga de Aruanda:
cosmografias do encontro com
as escolas vivas Tupinambá e do
Assentamento Terra Vista**

*Opening the Capanga of Aruanda: cosmographies
of the encounter with the Tupinambá and
Terra Vista Settlement living schools*

@dewaneios_

Cacá Fonseca¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6871-9615>

Laura Castro²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4428-5939>

Começar com o canto

Ai ai ai ai
Quando cheguei de Aruanda
Trouxe muito remédio
(Cantiga de Capoeira)

Enquanto nos preparávamos para o mergulho profundo nas escolas vivas da Terra Indígena Tupinambá Serra do Padeiro e do Assentamento Terra Vista, lemos o livro “Teoria da Bolsa Ficção” de Úrsula Le Guin. No preparo da nossa bagagem - também gráfica- fomos tomados de um feitiço pela imagem da “Capanga de Aruanda”.

Essa imagem chegou como lembrança, uma cantiga rememorada pela nossa irmandade gráfica, a Sociedade da Prensa, que tem uma raiz profunda na capoeira. No íterim desse preparo e lembrança, a “Capanga de Aruanda” assumiu o lugar de uma evocação, tradução e aclimatação de epistemes ao nosso território pindorâmico. Ela foi evocada como modo de reivindicar sentidos territorialmente ancorados para a bolsa, foi quando um de nós afirmou, “bolsa ficção não! é Capanga de Aruanda!”.

Essa cantiga é um corrido, que uma natureza de música cantada enquanto se joga capoeira que puxada pelo cantador e respondida pelo coro que repete:

*Ai ai ai ai
Quando cheguei de Aruanda
Trouxe muito remédio
dentro da minha capanga
(Música de Capoeira)*

¹ Artista gráfica e editora independente, doutora em processos urbanos contemporâneos (UFBA). Professora do Departamento de Artes Visuais (UFPB), coordenadora do Núcleo de Arte Contemporânea, fundadora da Sociedade da Prensa e atuante na Fortaleza das Onças: núcleo rural de experimentações artísticas e ambientais. E-mail: cacafonseca@gmail.com.

² Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é professora visitante na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), com o apoio do Programa Professor Visitante Júnior da CAPES. E-mail: lauracastro@ufba.br. @lauracastro.ar

O remédio, nesse caso, é o fator mutante, o espaço do improviso e da atualização de infinitas presenças. A cada vez que se canta a música, convoca-se os/as cantadoras a preencherem a capanga com algo outro que se carrega. “Trouxe muita folhagem”, “Trouxe meu berimbau”, “Trouxe muitos amigos” e assim, *ad infinitum*. A capanga como esse recipiente mágico, topológico, adimensional, pois que cabe gente, objetos, sentimentos e toda trama poética dos afetos reelaborados na diáspora.

O canto aqui abre, prepara a atmosfera, faz comunicar os mundos. É um registro sônico, vibracional e poético capaz de guardar a memória dessas travessias. Cantamos algumas vezes essa música durante a Residência Artístico Pedagógica que também denominamos de Capanga de Aruanda. Na Terra Indígena Tupinambá Serra do Padeiro, no pátio da Escola Estadual de mesmo nome, formou-se uma roda de crianças. A “Capanga de Aruanda”, na situação, era além do canto, uma bolsa, costurada por Dona Maria, anciã Tupinambá e mestra do projeto da Rede de Escolas Vivas, impressa por uma sobreposição de imagens forjadas nas residências. O que mais se carregou no canto entoado pelas crianças foi alegria, mas veio também bicicleta, amor, amigos e mais a vastidão de sentidos carregados pelas crianças dali.





Feitura da Capanga de Aruanda por Mestra Maria da Glória de Jesus e Glicéria Tupinambá.

Nós já a ouvimos, todos já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, sobre as coisas duras, mas ainda não ouvimos nada sobre a coisa em que se põem coisas dentro, sobre o recipiente para a coisa recebida. Essa é uma história nova. Isso é novidade. (...) Eu discordo de tudo isso. Eu iria mais longe e diria que a forma natural, apropriada e adequada do romance pode ser aquela de uma sacola, de uma bolsa. Um livro guarda palavras. Palavras guardam coisas. Carregam sentidos. Um romance é um patuá guardando coisas numa relação particular e poderosa umas com as outras e conosco. (Le Guin, 2021, p. 19-20).

A Capanga de Aruanda agrega ainda o território mítico “Aruanda” à bolsa imaginária, sacola, capanga, como imagem que afirma modos de coletar, reunir e colecionar estratégias de resistência, sobrevivência e invenção da vida. Uma imagem- pensamento confluyente com a escritora e ativista ecofeminista Úrsula Le Guin, que propõe o confronto do arquétipo do guerreiro, com o arquétipo das coletoras que carregam em cestos, sacolas, bolsas, suas sementes, raízes, crianças, tecidos, folhas, ferramentas.

Cosmografar Escolas Vivas

A experiência cosmográfica intitulada “Capanga de Aruanda” foi mobilizada pela Sociedade da Prensa, a partir das aproximações de mundos gráficos dos povos da terra ligados às comunidades do Assentamento Terra Vista (BA) e da Terra Indígena Tupinambá Serra do Padeiro (BA). Uma experiência configurada como Residência Artístico Pedagógica realizado junto à estas comunidades em julho de 2023, que consistiu na realização de situações de convívio e encontro de saberes, mediadas por práticas artísticas de desenho, pintura, grafismos, canto, processo de editoração de livros, agroecologia, costura e múltiplos outros saberes-fazer.

As Residências Artístico Pedagógicas são ações ligadas ao projeto “Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública”, articulada por uma rede de universidades do Norte-Nordeste (CNPq/UFBA/UFPB/UFAC/UFNT).

Essas comunidades escolares são referenciadas pelo conceito de “Escola Viva” do Pajé Duã Busã e de “Livro Vivo”, do Pajé Ika Muru, ambos mestres-professores Huni Kuin do Alto Jordão no Acre, alargando o campo da escola, do livro e dos materiais pedagógicos para a Floresta, as medicinas e outras dimensões cosmogonia e territoriais da vida e do cotidiano. Todas estas ações constituem processos eco-poéticos de enfrentamento do sucateamento de políticas públicas voltadas para a Educação do campo nas últimas décadas, com mais de 60 mil escolas rurais fechadas entre 1995 e 2016, segundo Censo Escolar. Este sucateamento, também é tensionado pela insurgência de escolas diferenciadas no âmbito da educação intercultural da Escola Indígena e Quilombola (RCNEI/MEC/2019).

Nas Residências artístico-pedagógicas “Capanga de Aruanda”, as práticas criativas em torno dos saberes gráficos assumiram centralidade, em que técnicas produtivas como carimbo, serigrafia e estamperia em suportes variados como estandartes, camisetas, papéis e paredes, são ferramentas de produção de imagens e representações das identidades, lutas

e militâncias de cada um destes territórios. Articulações poético-políticas a favor de visibilizar seus letramentos, retomadas, ecologias e transformações sociais, para se desdobrar na feitura coletiva dos materiais didáticos e de experiências criativas multilinguagens derivadas das poéticas pluriépistêmicas e relacionais constitutivas das “escolas vivas”.





Estandarte “Rede de sementes” feito no Assentamento Terra Vista, com fixadores de folhagens, bolso para sementes, mirando a conjunção entre estandarte e capanga. Ação do Cortejo Poético, como gesto de despedida e fechamento da residência Artístico Pedagógica.





Estandarte de São Sebastião feito por encomenda durante a residência Artístico Pedagógica e Roda de samba de despedida com Mestra Maria da Glória de Jesus Mestre Lírio carregando a imagem.

A dimensão cosmográfica é pensada como uma ativação poética das múltiplas escritas-mundos povoadas das existências vivas dessas comunidades, suas cosmogonias, bandeiras, lideranças, símbolos, verdades, gritos de guerra, marcadores de lutas, num procedimento de cosmografar sentidos em diálogo com os lugares e as vozes presentes em cada um dos territórios. O sentido de cosmográfico deriva, primeiramente, da obra intitulada “Ocupação Cosmográfica” realizada pela Sociedade da Prensa, no âmbito da exposição Imãntações, ocorrida em 2022 na Galeria Cãnizares - Salvador BA, organizada pelo projeto permanente de extensão Livro-Lugar.

Na ocasião, foi instalada uma mesa onde se manipulavam sementes, terra, folhas como ferramentas do trabalho gráfico e impresso uma bandeira com a expressão “Ocupação Cosmográfica” em urucum, que gotejava água sobre as sementes, imaginando que as sementes poderiam fazer brotar sobre o papel outros sentidos.



Orbitando a instalação, grafamos as seguintes palavras:
“ocupar outras peles para além do papel
ressonantes de tempos enredados em redemoinho passado-presente-futuro
Letra viva,
Letra em carne viva
Letra entranhada nos veios da terra
palavra nascente do barro, da semente,
língua germinada como girassol, feijão
brotada
flor de algodão
seres sobreviventes num texto-natureza
em estado impermanente entre o visível o invisível.”
(Coletivo Sociedade da Prensa, 2022).







Tecer a Rede onde se grafam afetos

A Rede Comosgráfica é inspirada na proposta da rede de sementes concebida por mestre Joelson Ferreira (2021), liderança do Assentamento Terra Vista, fundador da organização da sociedade civil chamada de Teia dos Povos, a partir de onde vem concebendo modos de ação engajados com sentidos simbólicos e míticos dos muitos povos que constituem os territórios rurais brasileiros. Ele nos convoca a pensar e agir no fortalecimento de uma aliança negra, indígena, popular e da periferia, pensando numa organização de todos os povos como forma de confrontar a hegemonia do latifúndio e da desigualdade social. E sobretudo, contrapõe à ideia de banco de sementes muito propagada por diferentes projetos ambientais a proposta de rede, a fim de evidenciar um caráter orgânico e ecológico destas iniciativas, retirando a conotação economicista que a figura do banco atrai.



Entrada do Ateliê chamado de Parque Gráfico, na antiga escola Tupinambá, desativada, hasteamos a bandeira vermelha, onde estampamos a imagem da Rede de Sementes.



Entrada do pátio onde aconteceu o Encontro de Saberes Grafetivos no Assentamento Terra Vista.
Estamparia de tecidos com a imagem da Rede de Sementes.

A Rede Comográfica é pensada como uma escola viva das imagens, representações e visualidades desses territórios traduzidas cosmograficamente pela serigrafia, estamparia, carimbos, gravuras vegetais para serem transportadas entre mundos, circuitos econômicos e contextos territoriais diversos. No Brasil, sabemos que os territórios indígenas, quilombolas e os assentamentos rurais são alvo de violência que se repete como um ritornelo da barbárie moderna colonial que atinge vidas, territórios de identidade, florestas, um ecossistema. Cacique Babau, liderança de uma das comunidades envolvidas no projeto, denuncia:

98% da Mata Atlântica foi derrubada, jogada no chão! Do que restou, a pequena porcentagem que fica no sul da Bahia impede o crescimento da Bahia? Como podemos entender uma mente dessas? São esses os malucos que comandam nossos estados e nosso país. E ainda chamam o tatu, a paca e a cutia de animais! Irracional é aquele que acha que tem que destruir tudo para satisfazer seu desejo. Aquele que determinou que tem que passar uma linha de trem para escoar a soja. Ora, quem aqui come soja? (Babau, 2019, p. 98).

Na crítica deste professor doutor, mestre de notório saber pela Universidade do Estado da Bahia notamos como a violência desses problemas como o marco temporal e a disputa sangrenta de terras no Brasil repercute sobretudo no desmatamento de nossas florestas, no sítio desses povos - guardiões do que ainda resiste, responsáveis pelo reflorestamento na terra, e atuantes como professores e agentes socioambientais de diversos campos de conhecimento. Uma escola viva é uma comunidade composta por uma multidão de professores visíveis e invisíveis, pessoas, bichos, plantas.

O projeto Rede Cosmográfica Capanga de Aruanda ativa o campo interdisciplinar das artes e as possibilidades das suas múltiplas linguagens (desenho, gravura, arte têxtil, arte digital, arte e comunidade) inscreverem e imprimem escritas da natureza, dos processos de resistência e resiliência das escolas vivas do campo presentes nesses territórios, das suas narrativas, visualidades e representações em formatos de livros, impressos, camisetas, bandeiras, bolsas, estandartes, etc. As produções graféticas criam outras textualidades, nas multiplicidades de corpos, processos e histórias traduzidas em impressos cujo epicentros são as escolas vivas e cuja relevância é subsidiar processos de fortalecimento dos processos de interação intergeracionais nesses territórios, cultivando atividades de profissionalização e formação da juventude a partir do campo artístico.

O presente projeto parte da cartografia realizada durante o ciclo de oficinas “Vocabulário para catástrofes” (2020 e 2021), que coletou e sistematizou um conjunto de escolas vivas nas experiências de escolas indígenas, quilombolas e de assentamento, cujas lideranças foram convidadas a relatar suas experiências. Este conjunto foi registrado com as seguintes expressões: Escola dos Biomas, Escola do Terreiro e do Tambor, Escola do Arco, da Flecha e do Maracá, Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate, Escola das Águas e das Marés, Escola das Formigas, Escola da Cura, Escola da Mandioca, Escola das Majés, Escola do Sonho, Escola das Cosmotécnicas, entre outras.

Desta cartografia, em interação com as Residências Artístico-Pedagógicas “Capanga de Aruanda”, formulamos a idéia de “Escolas Graféticas”, partido do neologismo proposto pela Sociedade da Prensa, que sugere uma prática de criação gráfica como produtora de relação afetivas, dando a ver no termo “Grafético” a dimensão gráfica transmutada em experiência de instauração de relações de vínculo, de comunidade, de coletividade e do comum.







Experiências gráficas de oficinas de formação e ateliê coletivo com as técnicas de serigrafia, stencil, costura e carimbos nas Escolas Graféticas instauradas nos dois territórios.

A produção “grafetiva” de impressos de diversos formatos colocam em ação e visibilidade conhecimentos destas escolas vivas, fortalecem as escolas diferenciadas e por conseguinte os próprios territórios instáveis e em conflito hoje no Brasil. Somado a isso, a partir desses materiais, são agenciadas discussões importantes também em grandes cidades, a partir da circulação dessas imagens e produtos em circuitos exteriores aos territórios, forjando a possibilidade de constituição de formas interculturais de relação dada a natureza de contato entre modos de vida e cultura urbanas e rurais; e também intergeracionais, na medida em que o projeto coloca em interação grupos etários distintos com possibilidade de criar aproximações, cumplicidade e estreitamento de afetos. Nestas formas, os saberes tradicionais e ancestrais, das lideranças, dos mais velhos e mais velhas ganham materialidades gráficas, em que a própria produção das peças são espaços de aproximação e cultivo dos diálogos intergeracionais nesses territórios.

As “Escolas Grafetivas” vinculadas às cosmogonias das escolas vivas destes dois territórios é também sobre criar estratégias que dão a ver modos de produção e criação de visualidades articuladas à circuitos que em geral não são acolhidos nas alcunhas do sistema das artes, estando em geral relegadas à categorias de artes menores, inferiores, como artesanato, design e arte naif. A estreita relação entre colonialidade e arte estão expressas desde as práticas dos museus etnográficos, à historiografia da arte e às múltiplas camadas que compõe o circuito das artes que operam forças excludentes, violentas e estruturais ao estabelecer limites hierarquizantes e estratificadores do vastíssimo campo do sensível, esquadrinhando-o em categorias como arte e artesanato, arte contemporânea e arte naif, arte moderna e arte primitiva, substancialmente entre o que é e o que não é arte. A pesquisa habita e aposta nessa encruzilhada entre arte, artesanato, design, art naif e cultura material sem se render aos pressupostos ocidentais que hierarquizam tais definições.

Referências

BABAU, C. Retomada. In: **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 13, p. 98 - 105, 2019. Disponível em: <l1nq.com/RDN5G > Acesso em 29 set. 2022.

DUA, B. MANOEL, V. **Una Shubu Hiwea: livro escola viva do povo Huni Kuin**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em : <l1nq.com/Eiwtl > . Acesso em 29 set. 2022, 16:01.

IKA, M. AGOSTINHO, M. M. **Una Isi Kayawa – Livro da cura**. Editora Dantes, 2014.

IKA, M. AGOSTINHO, M. M. **Una Hiwea: O Livro Vivo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ Literaterras/MEC/IPHAN, 2012.

TAKUÁ, C. **Seres criativos da floresta** (Cadernos Selvagem, 2020). Disponível em: <l1nq.com/FN43a > Acesso em: 29 set. 2022, 16:46.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito: Ediciones Abya Yala, 2013. (Serie Pensamiento Decolonial) . Disponível em: <l1nq.com/7vbL2 > . Acesso em: 29 set. 2022.